

Estudantes de Diadema superam dia-a-dia e encenam 'Odisséia'

Raymundo de Oliveira

Um grupo de 42 adolescentes da periferia de Diadema sobe ao palco neste sábado, às 13h, para encenar a trajetória de Ulisses, herói da Odisséia, epopéia atribuída ao poeta grego Homero (século IX a.C.). Eles são alunos da EE Maria Carolina Cardim (rua Purus, 500, no bairro Campanário), e fazem parte do projeto Círculo de Leitura, criado há 18 meses pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial. A encenação será na quadra da escola para pais e responsáveis dos adolescentes.

A adaptação para o teatro da narrativa em 24 cantos escrita por Homero foi feita pelos próprios adolescentes, com ajuda de professores e coordenadores do círculo. "Eles escolheram as cenas que vão representar", afirmou a coordenadora de projetos do Braudel, Patrícia Mota Guedes. Alunos do ensino médio, os jovens receberam do Instituto Braudel um dicionário e exemplares dos livros que lêem e debatem nas tardes de sábado na escola.

Desde que foi criada a primeira etapa do programa, na escola que funciona no Conforja, em Diadema, os adolescentes já leram O Banquete, de Platão, Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach, e estão no canto 5 da Odisséia. Antes de começar a ler o texto de Homero, os jovens leram a adaptação da obra feita por Ruth Rocha.

O círculo de leitura surgiu depois da morte de um estudante dentro da EE Átila Ferreira Vaz, na noite de 12 de março de 2001, em Diadema. Membros do Braudel se reuniam com lideranças comunitárias e autoridades do município desde junho de 2000 para discutir sobre o problema da violência na cidade. Com apoio do General Electric Fund, os pesquisadores do Braudel definiram dez escolas com maiores problemas de violência em Diadema e começaram as reuniões para ler textos clássicos.

No Conforja, o projeto começou com 15 adolescentes, a maioria formada por menores infratores que estavam em liberdade assistida, medida punitiva adotada pela Justiça, e terminou com sete membros. Na escola Maria Carolina, nas primeiras reuniões semanais para ler e comentar os livros participavam 30 adolescentes e outros 12 se incorporaram ao projeto desde agosto.

Como na saga de Ulisses, na trajetória do programa também não faltam obstáculos. Em setembro deste ano, adolescentes, professores e coordenadores do projeto tiveram de trocar as salas de aula da escola Maria Carolina por um centro comunitário. O motivo foi resistência por parte da direção da instituição. Segundo informações do Instituto Fernand Braudel, a diretoria da escola alegou que havia consumo de energia na escola aos sábados e forte pressão de autoridades burocráticas para interromper o projeto. A assessoria de imprensa da Secretaria de Educação, porém, afirmou que os problemas surgiram por causa da necessidade de aprovação por parte do conselho de pais e de alunos.

Estudante vê a vida como odisséia

Do Diário do Grande ABC

“Na minha odisséia só tem aparecido ciclopes. Palas Atenas que é bom, nada”, afirmou o estudante Charles Wilson Ramos, 20 anos, monitor do Círculo de Leitura em Diadema. Ele é filho de pai alcoólotra e mora com a família em uma casa na Pedreira Guacurí, divisa entre Diadema e Santo Amaro. Charles já leu pelo programa, além da Odisséia, de Homero, O Banquete, de Platão, e Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach.

A figura mitológica do Ciclope, um gigante com apenas um olho no meio da testa que aterroriza Ulisses, herói da Odisséia, representa para o estudante as dificuldades da vida na periferia. Sobre Palas Atenas, a deusa da mitologia grega que apóia e ajuda Telêmaco, filho de Ulisses, Charles não encontra referência em seu dia-a-dia.

Munido de gírias, Charles diz que nunca imaginou que iria ler literatura clássica. Em sua casa, ele afirma que não teve incentivo. “Incentivo faz falta, mas o principal tem de sair da gente mesmo.”